

SIMPÓSIO TEMÁTICO 41:

A pesquisa e o compromisso linguístico em uma perspectiva histórica e filosófica

Coordenadores: Ana Paula El-Jaick (UFJF) e Cristiano Barros Barreto (UFF)

A língua chinesa e a história da tese da heteronomia da escrita na linguística

Autores: Cristiano Mahaut de Barros Barreto ¹

Instituição: ¹ UFF - Universidade Federal Fluminense

Resumo: Em uma linguística que gradativamente se impôs como disciplina acadêmica científica a partir do século XIX, o objeto primário de pesquisa fundou-se na língua falada, ou fala, um significante que frequentemente confundimos com a própria língua. Conquanto as áreas de pesquisa textual e dos estudos culturais sobre a escrita permaneçam pujantes campos de pesquisa, a discussão sobre o status da escrita como forma alternativa de linguagem com algum grau de independência está relegada a um papel extremamente secundário nos discursos linguísticos. Seguimos o partido teórico do historicismo moderado de Sylvain Auroux (2004) e apresentamos uma brevíssima introdução à história das especulações sobre a escrita. Assim observamos os fatores históricos e sociais que contribuíram (e ainda contribuem) para a formação das representações e do imaginário ocidental sobre a escrita e sua relação com a fala e, em particular, a constituição das noções do senso comum sobre a escrita e a reação da linguística moderna para reverter tais conceitos. Constatamos portanto a condição precária da escrita na história das ideias linguísticas e sua heteronímia frente à fala que se revelam evidentes. Neste contexto, a escrita chinesa surgiu no imaginário ocidental a partir do século XVII para levantar questões sobre uma possível representação semântica na escrita e desta forma desempenhou (como o faz ainda hoje) um papel fundamental em uma disputa cujo desfecho ainda está longe de convocar uma unanimidade.

Palavras-chave: escrita, chinês, história das ideias linguísticas

Contra os gramáticos contra os acadêmicos: embate por uma história das ideias linguísticas

Autores: Ana Paula Grillo El-Jaick ¹, Fernando Adão de Sá Freitas ¹

Instituição: ¹ UFJF - Universidade Federal de Juiz de Fora, ² UFJF - Universidade Federal de Juiz de Fora

Resumo: O ceticismo pirrônico, tal como Sexto Empírico o define em sua obra Hipotiposes Pirrônicas, é uma filosofia para a vida. O fim do cético é a ataraxia, ou seja, a imperturbabilidade da alma, a tranquilidade, a felicidade. Ao mesmo tempo, sabe-se que o ceticismo foi duramente criticado por Santo Agostinho em *Contra os Acadêmicos*, quando este introduz sua concepção cristã à filosofia profana. Nosso trabalho é uma leitura crítica de *Contra os Acadêmicos* à luz de *Contra os Gramáticos*, defendendo que, ao fim e ao cabo, o próprio Agostinho se mostra como uma espécie de "cético pirrônico". Como nossa hipótese pretende mostrar, Agostinho mesmo admite a impossibilidade de um mortal alcançar o bem supremo, ainda que não deva cessar de buscar a sabedoria – assim como o cético pirrônico também deve fazer de sua vida uma busca pela tranquilidade da alma. Tanto Sexto Empírico quanto Agostinho parecem ter a preocupação de registrar seu pensamento para a posteridade – o primeiro confirmando seu exame contínuo pela verdade; o segundo afirmando o que é verdadeiro. Estamos diante de dois pensamentos fulcrais em nossa tradição ocidental: enquanto Sexto Empírico registrou o modo de vida cético, Agostinho acredita ter refutado tal filosofia ao afirmar a existência da verdade – em Deus. Entretanto, nossa tese é a de que pode haver um surpreendente Agostinho, que guardaria mais semelhanças com o ceticismo pirrônico do que nossa tradição filosófica reconhece.

Palavras-chave: Agostinho, contra os acadêmicos, contra os gramáticos, história das ideias linguísticas, sexto empírico

Modelos estatísticos de linguagem deveriam ser tão subestimados na linguística?

Autores: Milena de Uzeda Garrão ¹

Instituição: ¹ UFRRJ - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Resumo: O presente trabalho tem como foco os reflexos da permanência da tensão filosófica entre convencionalistas e racionalistas na contemporaneidade, mais precisamente no domínio da Linguística. Para embasar essa tensão, pretendemos ressaltar a relevância do surgimento do domínio da Linguística de Corpus e usá-lo como palco para a discussão de que a linguagem pode ser descrita com base em modelos estatísticos em contraponto à hegemonia da visão do fenômeno linguístico como uma representação elegante da expressão do pensamento. Para tanto, fazemos um breve passeio histórico sobre a análise filosófica convencionalista da linguagem (cf. Martins, 1999) em oposição à visão racionalista, tão aclamada na Linguística contemporânea. Consideramos também que, ao longo das três últimas décadas, a evolução das técnicas estatísticas, atrelada à capacidade de construção de corpora robustos, de alguma forma, minimizou o que Chomsky utiliza como a chave para crítica a modelos estatísticos da linguagem: o problema dos dados esparsos. Finalmente, discutimos também o contundente artigo escrito pelo cientista da computação Peter Norvig (2011), intitulado "On Chomsky and the Two Cultures of Statistical Learning", onde se afirma que um dos principais motivos da rejeição de Chomsky a modelos estatísticos de linguagem reside no fato de eles tornarem a linguística uma ciência empírica ou, segundo Norvig, em "uma ciência sobre como as pessoas realmente usam a linguagem" e não uma investigação das propriedades matemáticas de modelos de linguagem formal. Portanto, a nossa perspectiva, com uma clara aderência à virada linguística de Wittgenstein (IF), não só propõe o domínio da Linguística de Corpus como um palco instigante para tal discussão como também reforça o que Martins (1999:147) pondera quando defende que uma linguística sob uma perspectiva wittgensteiniana "é viável e teria como propósito geral descrever as regularidades – parciais e contingentes – observáveis nos jogos de linguagem que constituem as línguas do mundo".

Palavras-chave: linguística, filosofia da linguagem, linguística de corpus, convencionalismo, racionalismo

Nas veredas da língua: imaginários de língua e tradução nas cartas de Guimarães Rosa a seus tradutores

Autores: Beatriz Cabral Bastos ¹

Instituição: ¹ UFF - Universidade Federal Fluminense

Resumo: O presente trabalho tem como principal objetivo, à luz da Análise de Discurso (Pêcheux, Orlandi) e dentro do quadro teórico da História das Ideias Linguísticas (Auroux, Orlandi), investigar e mapear saberes e imaginários de língua e tradução nas cartas de Guimarães Rosa ao seu tradutor alemão, Curto Meyer-Clason, ao tradutor italiano, Edoardo Bizzarri e à tradutora americana Harriet de Onís. Dando continuidade às minhas pesquisas de mestrado e doutorado em tradução, pretendo com este trabalho aprofundar uma reflexão sobre tradução, mas agora a partir das perspectivas da HIL e da AD, pois vejo nessas áreas a possibilidade de pensar sobre questões que dizem respeito à tradução e dizem respeito língua. Inserindo-me no projeto de pesquisa "Língua e sujeito na discursividade sobre a língua: glossários brasileiros" (de Vanise Medeiros, Laboratório Arquivos do Sujeito/UFF), proponho uma reflexão sobre a metalinguagem que comparece nas cartas, pois Rosa, ao tentar ajudar os tradutores, é muitas vezes levado a explicar aspectos de sua obra, a explicitar suas escolhas e prioridades literárias, ou seja, ele é levado a dizer sobre a sua escrita, a dizer sobre a língua. E de forma a colaborar diretamente com uma reflexão sobre glossários brasileiros, pretendemos analisar alguns glossários que percorrem as cartas, pois que há neles um imaginário de língua, um saber, que se faz a cada palavra que Rosa explica, no modo como ele tenta orientar os tradutores.

Palavras-chave: história das ideias linguísticas, análise de discurso, Guimarães Rosa, língua, tradução

O retorno de uma memória na história: revolução em movimento

Autores: Flavio da Rocha Benayon ¹

Instituição: ¹ UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas

Resumo: A contingência joga com a expectativa de deslocamento dos sentidos no sujeito, joga também com a expectativa de deslocamento dos sentidos na história. A contingência atua na reconfiguração da relação contraditória entre as formações discursivas, que operam na constituição do sujeito e da história.

Assim, a inscrição da história no presente é constante e a disputa entre posições por contar o passado também, mesmo que esse passado esteja relativamente estabilizado. Além disso, se os objetos não detêm um sentido intrínseco, mas significam a partir das posições de sujeito que os enunciam, as designações mobilizadas para determinar um movimento que compõem a história institucionalizada sempre estão em jogo nas disputas pela manutenção de sentidos. Esses objetos, que parecem tão bem estabelecidos, um dia podem não fazer mais sentido, e então deslocam-se para outras significações, antes impensadas. A partir de minha inscrição na Análise Materialista do Discurso, proponho analisar os efeitos do deslocamento de *coluna revolucionária* para *movimento revolucionário de 1930*. Levo em conta as condições de produção em jogo e o retorno, cuja forma linguística é um sintoma, de uma questão recalcada que mobiliza sentidos outros. O recalque retorna: “[...] os traços inconscientes do significante não são jamais ‘apagados’ ou ‘esquecidos’, mas trabalham, sem se deslocar, na pulsação *sentido/non-sens* do sujeito dividido.” (PÊCHEUX, 2009, p.277). Há a impossibilidade de sobrepor o funcionamento do inconsciente no sujeito para sua relação com a história, contudo, certas semelhanças se conservam, como o retorno de uma designação sob uma forma deslocada, quando questões colocadas pela Coluna Prestes em direção à política nacional foram recalçadas. Assim, não é de se estranhar o retorno de cenas históricas sob formas estranhamente familiares: “Retornos, repetições, paródias, imitações, ilusões, em forma de fantasmas e de espectros, há retorno do recalcado no acontecimento, da ‘hantologia’ como sublinha Derrida.” (ROBIN, 2016, p.60).

Palavras-chave: revolução, Coluna Prestes, movimento revolucionário de 1930, memória histórica, análise materialista do discurso

Revista do ensino e imaginário - a construção da docência em minas gerais

Autores: Thaís Reis de Assis ^{3,2}, Vanise Gomes de Medeiros ²

Instituição: ² UFF - Universidade Federal Fluminense, ³ IFSMG - Instituto Federal Sudeste de Minas Gerais - Campus Rio Pomba

Resumo: O seguinte trabalho consiste em um recorte realizado em uma pesquisa de doutorado, em andamento, acerca da construção do imaginário sobre a docência na educação primária em Minas Gerais durante a I República. Com o fim do Império pretendia-se que os então súditos se tornassem cidadãos e novos sentidos fossem construídos em torno de valores urbano industriais em voga. A escola pública e seus sujeitos foram objeto de um projeto que consolidava a política social da burguesia através dos Grupos Escolares. Esta apresentação objetiva analisar a construção do imaginário e os efeitos de sentido sobre o ser e o fazer docente nos grupos escolares de Minas Gerais através de um impresso pedagógico oficial, no caso a Revista do Ensino. Considera-se o impresso um dispositivo modelador de práticas, estratégia de difusão de modelos pedagógicos e de formação professores. A análise toma como corpus as edições da Revista do Ensino produzidas entre 1925 - publicação inicial deste periódico- e 1930 - fim da I República. Busca-se compreender as formações imaginárias e discursivas construídas e instituídas junto aos docentes dos Grupos Escolares de Minas Gerais. Vislumbra-se ainda analisar o processo de identificação e contra identificação do sujeito docente com o discurso produzido pela Revista do Ensino. A pesquisa utiliza como suporte teórico a Análise de Discurso (autores como Pêcheux, e Orlandi) e para compreensão das condições de produção busca subsídio na história da Educação (Faria Filho e Biccás). Concluiu-se, até o momento, que a Revista do Ensino foi parte de uma política republicana e um importante mecanismo de formação de professores em exercício capaz de instituir práticas, inculcar valores, modelar a docência sobre o que e como ensinar permeado por um discurso republicano e religioso.

Palavras-chave: análise do discurso, imaginário, sujeito, docência, Revista do Ensino

Um glossário-poema: como o ritual próprio da língua

Autores: Vanise Medeiros ¹, Eliana de Almeida ^{3,1}

Instituição: ¹ UFF - Universidade Federal Fluminense, ² UFF - Universidade Federal Fluminense, ³ UFF - Universidade Federal Fluminense

Resumo: A literatura, como pensamos ancorada em Foucault, vai se constituindo a partir de rituais que instauram uma memória da e na língua: memória na sintaxe (ALMEIDA, 2012), nas repetições; memória que dá forma e formato à escrita/texto; memória que se inscreve também nas bordas do texto delimitando-os e contendo-os: título, dedicatória, epígrafes, notas, e, entre outras bordas, glossários. Um ritual que inscreve o que pode estar dentro e o que pode/deve ser o fora do texto. Um ritual que se parte, que fura. Com o poema Glossário de transnomações em que não se explicam algumas delas (nenhumas) ou menos, estamos diante desta quebra. Não se trata de um texto à parte, como é o caso dos glossários, mas

de um glossário-poema ou poema-glossário que põe em foco a palavra: matéria-prima do poeta, da letra. Neste trabalho, trazemos, então, como objeto de reflexão sobre língua o glossário-poema de Manoel de Barros. Os diferentes chãos deste artigo dizem do percurso de formulação, desde às retomadas teóricas, a partir do que problematizamos sobre a escrita literária, enquanto um ritual discursivo de dizer, indo aos chãos que nos conduzem, de modo especial, à compreensão do glossário-poema enquanto um ritual que nos permite refletir sobre a língua. Ancoramos nossa reflexão em alguns autores de campos diversos, como Foucault (1996), Auroux (1998) e Pêcheux (1990).

Palavras-chave: língua, literatura, glossário

Wittgenstein lê Frazer

Autores: Helena Franco Martins ¹

Instituição:¹ PUC-Rio - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Resumo: Este trabalho reflete sobre a leitura que Ludwig Wittgenstein fez de "The Golden Bough: A Study in Comparative Religion", obra hoje clássica na qual o antropólogo inglês Sir James George Frazer examina, sob uma perspectiva comparativista e evolucionista, uma série de lendas, mitos e relatos de magia e religião. A hipótese aqui explorada é a de que, em meio às críticas contundentes de Wittgenstein à obra do antropólogo – reunidas em "Observações sobre 'O ramo de ouro' de Frazer" sob o formato característico de anotações filosóficas –, encontramos um capítulo potencialmente relevante para uma História das Ideias Linguísticas. Wittgenstein investe, entre outras coisas, em mostrar que na raiz dos equívocos de Frazer está uma incapacidade de reconhecer que o acordo celebrado na linguagem "não é um acordo de opiniões mas de formas de vida" ("Investigações Filosóficas", sec. 241). Ignorando que só pode haver erro onde há espaço para opinião, Frazer apresentaria como hipóteses fracas ou erradas costumes e práticas que fazem parte de "Weltbilder" refratários à intelecção: convicções arraigadas e inadvertidas que têm a particularidade de não serem frutos do convencimento. Mostro mais especificamente que, ao criticar os modos particulares como Frazer cede ao impulso de explicar onde só há espaço para descrever, Wittgenstein nos dá um repertório relevante para pensar o jogo entre (a) linguagem e mito e (b) tradução e conversão.

Palavras-chave: Wittgenstein, frazer, tradução, forma de vida, mitologia

Caderno de resumos do X Congresso Internacional da ABRALIN – Pesquisa linguística e compromisso político. / Organizadores: Anabel Medeiros de Azerêdo; Beatriz dos Santos Feres; Patrícia Ferreira Neves Ribeiro; Roberta Viegas Noronha; Silmara Dela Silva. Niterói: UFF, 2017.
Disponível em: <<http://abralin.org/congresso2017/programacao-1?prog=simposios>>.